

INVENTABILIDADE, TRAMAS E FIOS: A FORMAÇÃO DE TECELÃS MINEIRAS¹

INVENTABILITY, WEAVES AND THREADS: MINAS GERAIS WEAVERS' LEARNING

Amanda Motta Castro²

Universidade Federal do Rio Grande/FURG

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0471-1240>

RESUMO

Este artigo é um recorte da tese de Doutorado defendida em 2015, intitulada: *Fios, tramas, cores, repassos e inventabilidade: a formação de tecelãs em Resende Costa - MG*. O objetivo principal da pesquisa foi o de analisar como ocorre o processo pedagógico da tecelagem manual desenvolvido entre as montanhas de Minas Gerais. Nesse local, a maioria das pessoas sobrevive da tecelagem manual, e a economia da cidade gira em torno da produção artesanal. Para analisar a complexidade dessas pedagogias, utilizamos o conhecimento produzido na América Latina, tendo como base a Educação Popular e os Estudos Feministas. A metodologia da investigação teve como base a pesquisa participante e a metodologia feminista, realizada por meio de entrevistas semiestruturadas, observação participante e diário de campo. A pesquisa empírica resultou em um vasto material: 126 páginas de entrevistas digitadas em espaço simples, 248 fotos, um caderno de anotações da observação participante, além de 32 páginas de repassos. Entre os resultados encontrados, constatou-se que o processo de produção artesanal compreende uma série de técnicas e de conhecimentos. Entretanto, por ser esse um conhecimento majoritariamente popular e das mulheres, a complexidade percebida pelo olhar de quem pesquisa parece desfazer-se na vida das artesãs e dar lugar ao invisível. Conclui-se, ainda, que um dos processos mais ricos na formação das tecelãs acontece por meio da experiência e do desejo de partilhar, uma pedagogia criada e desenvolvida pelas mulheres tecelãs ao longo dos tempos. Essa inventabilidade mantém a tradição da tecelagem, por meio de uma corrente viva, em que as artesãs mais experientes repassam seus saberes para outras mulheres que elas escolhem para ser as novas detentoras das técnicas do tecer. É preciso olhar para a experiência das mulheres, aprender com elas e conceber essas experiências como formadoras de aprendizagens que criam e (re)criam.

Palavras-chave: Estudos Feministas. Educação Popular. Pedagogias. Trabalho de mulheres.

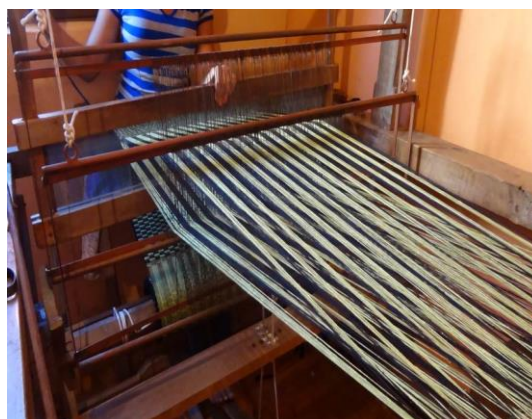
¹ Professora adjunta da Universidade Federal do Rio Grande/ FURG; Doutora em Educação pela UNISINOS com bolsa CAPES e período sanduíche realizado no Departamento de Antropologia da UAM. Com o olhar na América Latina, tem se ocupado em pesquisar os processos de produção do conhecimento de mulheres artesãs, buscando analisar a complexidade dessas aprendizagens articulando Educação Popular, Estudos Feministas e Trabalho. E-mail: motta.amanda@terra.com.br

² Parte deste texto foi apresentado no III Congreso de Estudios Poscoloniales y IV Jornadas de Feminismo Poscolonial. Interrupciones desde el Sur: habitando cuerpos, territorios y saberes? Realizado na UBA em Buenos Aires em dezembro de 2016.

1 INTRODUÇÃO

Uma epistemologia do Sul assenta em três orientações: aprender que existe o Sul; aprender a ir para o Sul; aprender a partir do Sul e com o Sul. (SANTOS, 1995)

Tecelã tecendo em tear de pedal - Resende Costa - MG/BR



Fonte: Acervo pessoal - 2012

A questão central da pesquisa que deu origem a este artigo consistiu em discutir sobre como ocorre o processo de ensinar e de aprender na tecelagem manual. Abordamos o trabalho da tecelagem a partir da Educação Popular e dos Estudos Feministas. Partimos da suspeita de que, no município onde a investigação foi feita, a tecelagem é um trabalho, principalmente, feminino, ensinado pelas mulheres por meio de um processo pedagógico invisível.

O lugar onde esta pesquisa foi realizada é Resende Costa³, um município que se situa no estado de Minas Gerais e que compõe a Região das Vertentes. Foi criado em 30 de agosto de 1911, tem uma área de 631,561 km² e fica a 186 km de Belo Horizonte, capital mineira. No início, a pequena população dedicava-se ao plantio de alimentos e à criação de gado. Em 1912, o então povoado de Lajes ganhou sua autonomia como município e recebeu o nome de Resende Costa em homenagem aos inconfidentes (pai e filho) que viveram ali no início do povoado. Hoje, o município vive, predominantemente, do artesanato têxtil, confeccionando, principalmente, peças para a casa. Sua população, segundo dados do IBGE de 2010, é de 10.941 habitantes.

³ Informações obtidas no arquivo de Resende Costa, durante uma pesquisa empírica feita no mês de julho de 2011.

Em Resende Costa, há uma biblioteca municipal, mas não existem cinema nem teatro. A cidade conta com um semáforo, dois postos de gasolina, três pousadas, uma praça, duas farmácias e 98 lojas de artesanato. É comum, nos fins de semana, muitas pessoas saírem de Resende Costa para São João Del Rei, na sexta-feira e no sábado à noite. Festas, shows, bares noturnos, boates e movimento estão na cidade ao lado. Em Resende Costa, não há movimento à noite, apenas uma churrascaria, que abre de quinta a domingo no jantar, com música no telão do restaurante.

Minas Gerais tem forte presença e tradição artesanal. No Museu de Artes e Ofícios, localizado no centro de Belo Horizonte, temos um espaço destinado a diferentes ofícios, e o artesanato está ilustrado e preservado ali. No final da década de 1960, o movimento hippie foi um dos responsáveis por manter viva a tradição mineira do artesanato. Nessa década, nasceu a Feira Hippie, que acontece todos os domingos em uma das principais avenidas de Belo Horizonte: a Avenida Afonso Pena, que é fechada para que centenas de artesãs e artesões exponham seus produtos – muitos deles vindos do interior do estado. A feira foi criada na Praça da Liberdade, em 1969 e, no ano de 1991, foi para a Avenida Afonso Pena, onde continua até hoje. Com a mudança de endereço, a prefeitura criou um novo nome: ‘ Feira de Arte e Artesanato da Avenida Afonso Pena’ . Entretanto, turistas e moradores da cidade ainda a conhecem como ‘Feira Hippie’ .

Nesse estado, as pesquisas de Concessa Vaz Macedo⁴ (2003, 2006), Kodaria Mitiko (2002) e Cláudia Duarte (2002) apontam que o trabalho da tecelagem é predominantemente feminino. São as mulheres que tecem, e esse conhecimento é repassado de mãe para filha. Em Minas Gerais, incluindo o município onde fizemos a pesquisa, a tecelagem manual é desenvolvida em tear de pedal, ilustrado na imagem abaixo.

4 Na primeira citação, utilizaremos o nome e o sobrenome do/a autor/a. Nas seguintes, serão mencionados apenas com o último sobrenome. Seguimos a orientação formal da Revista Estudos Feministas (da UFSC/Brasil) de citar o nome completo, como uma forma inclusiva de se perceber a produção científica. Paulo Freire faz referência à importância do lugar da linguagem inclusiva depois de ter sido criticado por sua linguagem machista por feministas norte-americanas que leram sua principal obra – Pedagogia do Oprimido (1964). Freire (2003) admite seu machismo e retoma essa questão na Pedagogia da Esperança, publicada em 1992. Ele passou a utilizar uma linguagem inclusiva.

Tear de pedal



Fonte: Acervo pessoal

A tecelagem manual faz parte da história de Minas Gerais. O artesanato dos fios foi mapeado no estado: dos 853⁵ municípios, 219 têm esse artesanato. A importância da tecelagem em Minas Gerais é forte e vem de longa data. No Brasil, em 1872, havia 139.488 trabalhadores dos fios, dos quais 50,5% se encontravam nesse estado (MACEDO, 2003, 2006).

A produção doméstica dos fios foi muito difundida em Minas Gerais, principalmente no início do Século XIX. Assim como a maioria das cidades do estado de Minas Gerais, Resende Costa foi colonizada por portugueses, e às mulheres portuguesas se atribui a introdução dos teares e as técnicas da tecelagem (SANTOS; SILVA, 1997). Portanto, a tecelagem faz parte da história econômica do estado, nos Séculos XVIII e XIX. Nos teares, eram feitas as roupas que vestiam escravos, escravas, senhores e senhoras. Lá, as mulheres são as principais trabalhadoras desse artesanato:

Mais de 90% da força de trabalho era composta de mulheres, tanto em Minas quanto no país como um todo. Sob essas condições, não se pode deixar de admitir que as mulheres trabalhadoras mineiras representavam o país na qualidade de produtos e tecidos, ou melhor, de artesãs de fios e tecidos. (MACEDO, 2006, p 230).

Segundo Douglas Libby (1997), o inventário dos teares da Capitania de Minas Gerais de 1786 registrou 1.248 teares divididos em 1.242 casas. De acordo com os estudos de Macedo (2006), 66,96% das mulheres livres e 58,89% das escravas trabalhavam na produção de fios e de tecidos.

⁵ Número de municípios de Minas Gerais de acordo com o IBGE. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/estadosat/perfil.php?sigla=mg>>. Acesso em: 20 mai. 2012.

A autora afirma:

Ao longo do Século XIX, em Minas Gerais, a produção de fios e tecidos expandiu-se consideravelmente, tornando-se uma indústria cujos trabalhadores eram tipicamente mulheres. Escravas ou não, elas eram as artesãs de seus ofícios – as “cardadeiras”, “fiandeiras”, “tecedeiras” e “tingideiras”.(MACEDO,2006,p.3).

As pesquisas dessa autora mostram que 33.597 mulheres livres e 8.305 escravas trabalhavam com os fios. Entre os homens, esse número é de 283 homens livres e 123 escravizados. “[...] O número de pessoas empregadas na produção artesanal era certamente muito maior do que o indicado pelo censo, porque muitas mulheres que fiavam e teciam como parte de sua rotina doméstica devem ter sido classificadas como 'serviçodoméstico'ou'semprofissão'”(MACEDO,1983,p.88 -89).

A atividade de fiação na época, com os instrumentos disponíveis, era um trabalho sem fim, que compelia as mulheres a fazê-lo a qualquer hora e lugar para suprir os teares. A opção metodológica da investigação foi fundamentada na pesquisa participante e na metodologia feminista. Portanto, a metodologia deste trabalho aponta o compromisso com o Feminismo e a Educação Popular. Quanto às técnicas empregadas na pesquisa, recorreu-se à observação participante, a entrevistas e ao diário de campo. A empiria resultou em um vasto material: 126 páginas de entrevistas digitadas em espaço simples 248 fotos, um caderno de anotações da observação participante e 32 páginas de repassos⁶.

2 AS MULHERES E A PEDAGOGIA INVISÍVEL DOS FIOS

Na epígrafe deste texto, Boaventura Santos (2009) aborda a importância de reconhecermos os conhecimentos vindos do Sul e que é preciso, com urgência, que o conhecimento sistematizado reconheça a existência epistemológica do Sul e aprenda com

⁶ Os desenhos feitos no tear são os repassos. A técnica é responsável pelos muitos desenhos nas peças da tecelagem. O repasso acontece por meio de uma série de combinações nas pisadas e nas linhas enfiadas no liço. As tecelãs criam cada um deles e é tradição guardá-los e repassá-los para as próximas gerações – em especial, às filhas e amigas. A tecelã que criou o repasso o batiza com um nome significativo. Temos, em Minas Gerais, mais de 50 repassos que vêm, através dos anos, sendo mantidos nas famílias pelas mulheres. Nos dias atuais, poucas pessoas sabem e criam repassos novos, devido à sua complexidade. Os repassos são criados, codificados e guardados em papel. A primeira vez que vi um, ele me lembrou uma partitura musical. Ver: CASTRO, Amanda Motta. Os repassos nos teares manuais: a inventabilidade das tecedoras de Minas Gerais. In: Eli Bartra. (Org.). *Mujeres, Feminismo y Arte Popular*. 1. ed. Cidade do México: UAM, 2015, p. 137-148

ele.NoSul,sãodesenvolvidosconhecimentosnãoreconhecidos“oficialmente” – ou seja, pela“ [...] epistemologiaqueconferiuàciênciaaexclusividadeodoconhecimento válido” (SANTOS, 2009, p.11). Nessa perspectiva, propomos “ir ao Sul” e reconhecer o conhecimento tramado pelas mulheres que, de acordo com os escritos de Michelle Perrot (2007), foram as mais silenciadas no processo histórico da humanidade. Nesse contexto, temos o conhecimento dos fios como um dos que são historicamente invisibilizados.

O artesanato é definido como toda atividade produtiva de bens e artefatos realizada manualmente ou com a utilização de meios rudimentares com habilidade, destreza, qualidade e criatividade. A tecelagem manual é, provavelmente, uma das artes mais antigas. Estima-se que tenha iniciado por volta de 5000 a.C. (LANZELLOTI, 2009). Em todas as culturas, encontram-se vestígios dessa arte, que marcam a História do respectivo povo e cultura (BUENO, 2005).

O trabalho de tecer iniciou-se, segundo Dinah Pezzola (2008), com a manipulação de fibras com os dedos. A autora refere que “[...] o mais antigo indício da existência têxtil na história da humanidade data de mais de 24 mil anos; recentemente, foram encontradas preciosidades que documentam a presença da tecelagem no período paleolítico” (PEZZOLA, 2008, p.13). Em sua história, está o desenvolvimento de uma técnica que veio se aprimorando com o passar o tempo. Em vista disso, podemos afirmar que a tecelagem esteve presente na maior parte da história da humanidade e serviu para aquecer os corpos por meio das vestimentas e tecidas, provavelmente, por mulheres.

O artesanato ligado aos fios – renda, bordado, crochê, costura e tecelagem – é uma produção tipicamente feminina. Os livros de história nos trazem imagens das mulheres no mundo privado realizando trabalhos manuais. O trabalho com os fios é um “atributo feminino” que vem de longa data. Em suas origens, a doutrina da Igreja geralmente considerava o tempo livre como uma tentação, e o lazer, como um convite para a indolência. Esse temor se aplicava, principalmente, às mulheres. Eva encarnava a tentação, distraíndo o homem do seu trabalho. Os patriarcas da Igreja consideravam as mulheres especialmente tendentes à licenciosidade sexual se nada tivesse para ocupar suas mãos. Esse preconceito deu origem a uma prática: a tentação feminina poderia ser combatida com um artesanato específico, o da agulha, para manter as mãos das mulheres ocupadas (SENNETT, 2009).

A agulha, como remédio para a ociosidade feminina, remonta a um dos primeiros patriarcas, Jerônimo. Como costuma acontecer com os preconceitos que amadurecem com o tempo, essa denegação sexual também se tornou um motivo de honra no início da Idade Média. O tempo passa e, nos dias atuais, também são as mulheres que mais tecem. Os fios saem do privado – e da “necessidade” – e a religião manter as mulheres com as mãos ocupadas – para o público: Nos dias atuais, mulheres “ganham” a vida entre os fios, trabalhando no artesanato, para atender à demanda doméstica de cuidado com a casa e as crianças e as atividades profissionais. Muitas vezes, podem até trabalhar em casa. As mulheres realizam ambas as atividades em um processo de simultaneidade presente em seu cotidiano devido à necessidade. Sobre esse processo, a tecelã Verde, de 34 anos, que há 24 ganha seu sustento no tear em Resende Costa, afirma: “[...] O bom desse trabalho é que eu trabalho em casa, né. Assim eu cuido da casa, cuido dos filhos e ainda ganho um ganhozinho. Eu não tenho hora certa pra tecer, teço fazendo todas essas coisas juntas” (durante entrevista em julho de 2012).

De acordo com dados do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE, 2005), no Brasil, existem, aproximadamente, cinco milhões de pessoas trabalhando com o artesanato – isso representa 0,5% do PIB. Nesse número, estão as pessoas de Resende Costa e seus processos de ensinar e aprender.

Para Carlos Brandão (2002), mulheres e homens são resultados dos processos educativos. Nós vivenciamos diariamente experiências de ensino e aprendizagem nos diversos setores e lugares em que vivemos e convivemos. Assim, não poderíamos deixar de imaginar essa ideia no trabalho artesanal das mulheres – no aprender, no ensinar, no aprender e ensinar umas com as outras – cuja proposta é tecida a cada dia nos fazeres artesanais. O mesmo autor enuncia:

O saber da comunidade, aquilo que todos conhecem de algum modo; o saber próprio dos homens e das mulheres, de crianças, adolescentes, jovens, adultos e velhos, o saber de guerreiros e, esposas; o saber que faz o artesão, o sacerdote, o feiticeiro, o navegador e outros tantos especialistas envolve, portanto situações pedagógicas interpessoais, familiares e comunitárias, onde ainda não surgiram técnicas pedagógicas escolares, acompanhadas de seus profissionais de aplicação exclusiva. [...] todas as situações entre pessoas e, entre pessoas e a natureza – situações sempre mediadas pelas regras, símbolos e valores da cultura do grupo têm em menor ou maior escala a sua dimensão pedagógica. (BRANDÃO, 2000, p. 20).

Em seu livro, 'O Artífice', Richard Sennett (2009) aponta que são necessárias dez mil horas de experiência para termos uma artesã qualificada. Em vista disso, quando discutimos sobre artesanato, falamos de horas de estudo, mesmo que esse processo não seja formalmente reconhecido. O autor afirma que a habilidade artesanal requer um alto grau de aprendizagem. Logo, podemos afirmar que, ao olharmos um trabalho de tecelagem, como uma colcha bem tramada, com suas diversas cores e formatos, é fato que a artesã que a fez aprendeu a técnica, a arte e o conhecimento dos teares.

Em Resende Costa, onde acordamos com o barulho dos teares, olhamos as lojas cheias de turistas comprando os produtos, feitos, muitas vezes, no quintal das casas populares da cidade. Em situações como essa, pode passar despercebido o fato de que existe um processo de ensino e aprendizagem da técnica de tecer. Esse processo, desenvolvido pelas mulheres tecelãs no lugar onde esta pesquisa foi feita, ocorre por meio de uma pedagogia invisível, sobretudo, no cotidiano. Em Resende Costa, as mulheres mais velhas ensinam aos filhos, às filhas e às netas durante as atividades do dia a dia. Sobre esse processo, Macedo (2006, p. 6) expõe que “ [...] a economia mineira achava-se, noseu entender, dividida em dois setores distintos, um ‘doméstico ou caseiro’, nas mãos das mulheres, e outro ‘oficinal ou artesanal’, nas mãos dos homens”.

Com base nessas considerações e na empiria, podemos afirmar que o processo de ensinar e aprender da tecelagem manual ocorre no espaço doméstico, atrás da casa ou em seu interior. A respeito de seu processo de aprender a tecelagem, a tecelã Verde Claro, de 14 anos, que está trabalhando há dois anos, no período da tarde, afirmou:

Eu aprendi com minha mãe em casa, ela sempre trabalhou com tear, então ela ensinou eu e minha irmã, agora todas nós três tecemos. Eu trabalho só meio período porque quero ser médica. Aqui no tear a gente ganha pouco, mas eu gosto de tecer, foi o que minha mãe me ensinou e, com o tear, eu ganho meu próprio dinheiro e ajudo também nas despesas lá de casa. (durante observação participante em julho de 2012).

Em Resende Costa, foram as mulheres que iniciaram o processo da produção de tecelagem, mas, hoje, esse trabalho também é executado por homens⁷, apesar de o

⁷ No início da década de 1980, a ação das mulheres de ensinar a tecer não somente às suas filhas, mas também aos homens, criou um município onde a principal fonte de renda é a tecelagem manual, seja pela

processo pedagógico de ensinar continuar nas mãos das mulheres. São elas que ensinam e é a elas que artesãs e artesãos recorrem quando percebem que algo está errado, têm dúvidas, ou necessidade de aperfeiçoar sua arte. Sobre isso, a Tecelã Violeta explica:

[...] é bom, é muito emocionante a gente ensinar assim as coisas que a gente sabe né?! Ai é bom passei para minha filha, minha neta eu tenho uma neta que está com dezessete anos ela já está começando a tear. (Tecelã Violeta durante entrevista, julho de 2011).

O conhecimento das mulheres parece ainda ser inferiorizado porque o trabalho e sua forma de ensinar e de aprender estiveram historicamente ligados ao mundo privado, onde elas estiveram por um longo período. Segundo Prisca Kergoat (2011), no fim do Século XIX, surgiu a noção do “ofício de mulher”, que foi definido considerando -se as então chamadas qualidades “naturais e inatas” das mulheres: o cuidado com o outro, o amor e a maternidade.

3 MULHERES E CONHECIMENTO

Gebara (2000) refere que, como há pouca história escrita pelas mulheres ao longo do tempo, o conhecimento passou a ser controlado pelos homens. A autora afirma que “[...] um conhecimento que despreza a contribuição das mulheres não é apenas um conhecimento limitado e parcial, mas um conhecimento que mantém um caráter de exclusão” (GEBARA, 2000, p. 117). Evidentemente, o poder de contar a história e escrevê-la ficou nas mãos de homens. Cabe esclarecer que não nos referimos a todos os homens, mas a um padrão normativo androcêntrico, que domina e controla, inclusive, os homens.

Como consequência, quando discutimos sobre o monopólio do conhecimento pelos homens, referimo-nos a um modelo de homens a maioria dos quais é composta de brancos, heterossexuais e com certo nível de poder. Por causa disso, podemos afirmar que esse monopólio também é excludente para outros homens. Decorrente dessas exclusões, na história recente, houve um período marcado por movimentos sociais de protesto, que lutaram para que essas desigualdades fossem questionadas, visibilizadas e transformadas. Nas palavras da mesma autora,

venda das peças produzidas, seja pelo trabalho direto nos teares ou no comércio local para atender aos turistas. A venda de tecelagem atrai turistas de norte a sul do Brasil.

[...] o feminismo levanta suspeitas quanto às aquisições tranquilas da tradição patriarcal, questiona a objetividade da ciência, seu caráter aparentemente a-sexual para reafirmar que o conhecimento humano é situado em nossa realidade social, cultural e sexual. (GEBARA, 1997, p. 69).

No artigo intitulado ‘Epistemologia Feminista’, Helen Longino (2008) percorre a crítica feminista à epistemologia convencional. Conforme a autora, a noção clássica da epistemologia estava deturpada por ideologias masculinas que não só excluíam as mulheres como também ridicularizavam sua capacidade. Um exemplo disso é a noção de racionalidade: para a Filosofia, a razão é masculina, e, o feminino não seria contemplado nessa razão, segundo a autora, que também pontua:

Acadêmicas feministas afirmam que teorias epistemológicas tradicionais serviram para legitimar, através do disfarce, o papel que as suposições sobre o gênero assumem na teorização científica e na construção de conceitos epistemológicos, como o de razão. (LONGINO, 2008, p. 536).

Ora, se a epistemologia convencional coloca as mulheres como cartas fora do baralho – e é a duras penas que está reconhecendo o trabalho acadêmico feminista – o que resta para o conhecimento realizado no cotidiano, longe da sistematização do conhecimento considerado válido e formal? De que modo podemos reconhecer e valorizar o conhecimento tramado na invisibilidade de um cotidiano ordinário? Luce Giard (2000, p. 217) indica alguns caminhos:

Aceitar como dignas de interesse, de análise e de registro aquelas práticas ordinárias consideradas insignificantes. Aprender a olhar esses modos de fazer fugidios e modestos que muitas vezes são o único lugar de inventabilidade possível do sujeito. Invenções precárias sem nada capaz de consolidá-las, sem língua que possa articulá-las, sem reconhecimento para enaltecê-las.

A epistemologia tradicional, exercida pelas instituições formais de ensino, busca, em alguma medida, processar e filtrar o conhecimento. Considerando essas questões, a pesquisa com mulheres requer algumas abordagens peculiares para além da epistemologia reflexiva ou científica. Entendemos que não podemos abandonar, de forma alguma, a epistemologia científica. Entretanto, precisamos de alternativas que levem em consideração o conhecimento tramado pelas mulheres na invisibilidade do cotidiano e

reconheçam o conhecimento que existe nesses lugares que estão à margem das instituições formais de ensino.

A epistemologia feminista tem denunciado e alertado sobre a supergeneralização e assevera que valores, experiências, objetivos e interpretações dos grupos dominantes são apenas valores, experiências, objetivos e interpretações desses grupos, e não, da humanidade como um todo. Sobre isso, Gebara (2008, p. 32) afirma:

Sem dúvida, o conhecimento produzido por uma elite a serviço dos detentores do poder é mais valorizado do que qualquer outro produzido, por exemplo, por um grupo de catadores de lixo. Não só a questão das classes sociais aparece de forma marcante em todos os processos epistemológicos, mas também a questão da raça, do gênero, das idades, e da orientação sexual. Nossa maneira de expressar nosso conhecimento do mundo é reveladora de nosso lugar social e cultural. E esse lugar condiciona nossa confiança e desconfiança, nossa valoração maior ou menor em relação ao proposto como conhecimento.

Portanto, foi a partir das questões de classe social, gênero, raça, etnia, entre outras, que surgiu uma área da epistemologia dedicada a compreender a forma como o gênero influencia as concepções e as práticas e como têm sistematicamente colocado em desvantagem as mulheres e outros grupos subordinados. Por esse motivo, podemos afirmar que pesquisar sobre as mulheres, numa perspectiva feminista, é desafiar uma lógica dominante de um mundo hierárquico e patriarcal (GEBARA, 2000; 2008). A autora acrescenta que “[...]trabalhar a epistemologia é querer influir nos processos de transmissão do conhecimento e tentar mudar a estrutura hierárquica de poder que se reproduz nas bases de nossa sociedade e de nosso conhecimento” (GEBARA, 1997, p. 29).

Com o olhar epistemológico feminista - tanto o ordinário quanto o científico - é possível reler a história, e os resultados das inúmeras perspectivas abertas têm sido os mais criativos e instigantes. A epistemologia feminista aponta, como fonte principal, a experiência, conforme os escritos de Joan Scott (1999), a que é tecida no cotidiano (PEREIRA, 2009) e, por isso, invisibilizada (CASTRO, BECKER, EGGERT, 2010) ou negligenciadas (DEIFELT, 2002).

Sandra Harding (2002, p. 12) afirma que epistemologia é uma teoria sobre o conhecimento, cuja função principal é de responder quem pode ser “[...] sujeito do

conhecimento”. A epistemologia feminista responde que as mulheres são protagonistas de diversos conhecimentos e saberes, algumas, sistematizadas, e a maioria, ainda academicamente clandestina (STRECK, 2006).

A busca pela valorização das epistemologias do Sul é desafiadora, e as conquistas das mulheres no campo científico, em poucos anos de epistemologia feminista, são inegáveis. De acordo com Gebara (1997, p. 68), pensar e propor uma epistemologia é “[...] abalar os processos cognitivos tradicionais, e o feminismo é um dos movimentos sociais que mais contribui para provocar esse abalo”. Para João Nunes (2009), a crítica feminista e a busca pelo reconhecimento da epistemologia feminista são essenciais para o conhecimento científico, pois a epistemologia feminista trabalha para minimizar as distorções masculinas produzidas por diferentes disciplinas, como a Biologia, a Filosofia, a História, a Medicina e as Ciências Sociais. Essa crítica também vai dos processos de sistematização acadêmicos, pois visa reconhecer os conhecimentos forjados desde as margens onde encontramos as mulheres e seus conhecimentos. Sobre esse conhecimento, a Tecelã de 74 anos explica:

Eu acho que o processo manual faz milagre viu?! Acho sim. Você pensa assim: ninguém vai sobreviver com isso não, que vê acha que não dá. Mas não é não, aqui eu e muita gente sobrevive disso aí, do tear. (Tecelã Dourada, durante entrevista em julho de 2011).

Esses conhecimentos fazem com que as mulheres sustentem suas casas e suas famílias. Um trabalho rico em conhecimento e em arte.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com Sennet (2009, p. 57), “[...] a cabeça e a mão não são separadas apenas intelectualmente, mas também socialmente”. Essa separação histórica levou os homens a ficarem com o trabalho ‘da cabeça’, e as mulheres, com o trabalho ‘das mãos’, pois o trabalho com as mãos, no imaginário popular, é menos complexo e exige menos qualificação (KERGOAT, 2011).

O trabalho manual com os fios – em especial, o da tecelagem – foi historicamente invisibilizado, pois está na ordem do privado e é compreendido como um conhecimento inato e natural das mulheres, e não, um ofício complexo. Para Eli Bartra (2008, p.12), é preciso reverter a dupla marginalização intelectual da arte popular – “El arte populares

considerada de segunda, elaborada por gente também de segunda”. Bartra argumenta , ainda, que a atividade criativa desenvolvida pelas mulheres na arte popular é apenas mais umas das suas muitas produções que ficam invisíveis. Afirma que a arte desenvolvida pelas mulheres é tão invisível quanto o trabalho doméstico realizado diariamente por elas no cotidiano ordinário (GEBARA, 2008).

Para o feminismo, o privado é político, e o trabalho diário de fazer esse movimento – politizar o privado – é uma das formas de reverter a marginalização do trabalho desenvolvido pelas mulheres. Sobre isso, Sennet (2009, p. 33-34) expressa:

Em sua maioria, os ofícios e artífices domésticos tem um caráter diferente dos trabalhos que hoje se executam fora de casa. Por exemplo, não consideramos os cuidados paternos como uma atividade no mesmo sentido, que atribuímos ao ofício de bombeiro ou a programação de computadores, muito embora o alto grau de capacitação especializada seja necessário para ser um bom pai ou uma boa mãe.

Em vista disso, o feminismo vem contribuindo para visibilizar o invisível e demonstrar que o que é tecido no cotidiano da casa, na vida privada das mulheres, é político, histórico, produtivo e criativo. Através da denúncia de que a sociedade patriarcal inferioriza o conhecimento das mulheres, vem reconhecer que, entre os fios, existe conhecimento.

Acreditamos que nossa pesquisa corrobora os trabalhos de muitas outras feministas – tanto nos movimentos sociais quanto na Academia – porque, ao trazer o debate sobre a tecelagem como uma produção feminina e, por esse motivo, socialmente diminuída e desvalorizada, visamos construir novos caminhos de luta, justiça, respeito, sororidade⁸ e igualdade entre os sexos, pois a pesquisa é uma forma importante de nos descolarmos do Sul (SANTOS, 2009).

8 Sororidade é uma palavra resgatada pela Teologia Feminista que significa ‘irmãs’, conforme o Dicionário de Teologia Feminista, Editora Vozes, 1999. Marcela Lagarde (2009) aponta que a sororidade é a consciência crítica da misoginia, o esforço pessoal e político de apontar mudanças a partir da subjetividade. Para a autora, os objetivos éticos e políticos da sororidade são de identificar as mulheres como semelhantes; fazer aliança de gênero para estabelecer entre as mulheres o que se exige da sociedade; lutar contra a violência e os maus-tratos e difundir o feminismo.

ABSTRACT

This article is a fragment of the doctoral thesis defended in 2015, entitled as *Threads, Weaves, Colors, Drafts and inventability: the learning of Resende Costa, MG weavers*. The research's main goal was to analyse how the pedagogic process of hand weaving is done through mountains of Minas Gerais. There, most people make their lives out of hand weaving, and the city's economy comes from craft production. To analyze these pedagogic complexities, the Latin America's knowledge was utilized, based on Popular Education and Feminist Studies. The research methodology was based on participatory research and feminist methodology, done through semi-structured interviews, participatory observation, and field journal. The empiric research resulted in a wide material: 126 pages of interviews typed in single space, 248 photos, one notebook from participatory observation, plus 32 pages of drafts. Among the results found, it was noticed that the craft production process is composed of a series of techniques and knowledge. However, as this is a knowledge mostly popular and womanly, its complexities are almost lost through the lives of the weavers, replaced by the invisible. Furthermore, this study finds out how experience and sharing make the weavers' formation richer, a pedagogy created and developed by weavers over the years. That inventability keeps the weaving tradition alive, sharing what the experienced ones know with the ones they choose to learn the weaving techniques. It's necessary to look at the women experiences and learn with them, seeing those experiences as originators of the learning process they create and (re)create.

Keywords: Feminist Studies. Popular Education. Pedagogies. Women work.

REFERÊNCIAS

BARTRA, Eli. Rumiando en torno a lo escrito sobre mujeres y arte popular. **La ventana** [online], Guadalajara, v. 3, n.28, p. 7-23, 2008.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 2000.

CASTRO, Amanda Motta. **Fios, tramas, cores, repassos e inventabilidade: a formação de tecelãs em Resende Costa - MG**. 2015. 230 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Ciências Humanas. São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2015.

CASTRO, Amanda Motta; ALBERTON, M.; EGGERT, Edla. Nísia Floresta. A mulher que ousou desafiar sua época: Educação e Feminismo. **POIÉSIS** - Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação (Unisul), v. 3, p. 46-55, 2010.

DUARTE, Cláudia Renata. **A tecelagem manual no Triângulo Mineiro** – história e cultura material. Uberlândia: EDUFU, 2009.

DUARTE, Rosália. Entrevistas em pesquisas qualitativas. **Revista Educar**, Curitiba, v. 24, n.24, 2004.

EGGERT, Edla. **Educação popular e teologia das margens**. São Leopoldo: Editora Sinodal, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1991.

_____. **Pedagogia da esperança**. Um reencontro com a Pedagogia do oprimido. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

GEBARA, Ivone. As epistemologias teológicas e suas consequências. In: NEUENFELDT, Eliane; BERGSCH, Karen; PARLOW, Mara (Orgs.). **Epistemologia, violência, sexualidade**: olhares do II Congresso Latino-americano de Gênero e Religião. São Leopoldo: Sinodal, 2008.

KERGOAT, Prisca. Ofício. In: HIRATA, Helena; LABORIE, Franloise (Orgs.). **Dicionário Crítico do Feminismo**. São Paulo: Unesp, 2011.

LANZELOTTI, Gilberto. **História da tecelagem artesanal no Brasil**. Disponível em: <<http://guiadecorar.com.br/posts/visualiza/1493>>. Acesso em: 10 out. 2009.

MACEDO, Concessa Vaz de. **A indústria têxtil, suas trabalhadoras e os censos da população de Minas Gerais do Século XIX**: uma reavaliação. *Varia História*, Belo Horizonte, v. 22, n. 35, jan./jun. 2006.

_____. **A produção têxtil de fios e tecidos em Minas Gerais**. Disponível em: <http://www.mao.org.br/fotos/pdf/biblioteca/macedo_01.pdf>. Acesso em: 20 de jan. 2012.

MAGNANI, José Guilherme C. Discurso e representação, ou de como os Baloma de Kiriwina podem reencarnar-se nas atuais pesquisas. In: CARDOSO, Ruth. **A aventura antropológica: teoria e pesquisa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

MEDEIROS, Mitiko Kodaira. **O segredo da trama**: desvendando a comunicação na tecelagem popular brasileira. 2002. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Faculdade de Comunicação. São Paulo: Universidade Paulista, 2002.

NEUENFELDT, Elaine G. **Diálogo entre a leitura popular e a leitura feminista da Bíblia**. Disponível em: <http://www3.est.edu.br/publicacoes/estudos_teologicos/vol4502_2005/et2005-2i_eneuenfeldt.pdf>. Acesso em: 22 out. 2012.

_____. **Práticas e experiências religiosas de mulheres no Antigo Testamento**: considerações metodológicas. Disponível em: <http://www3.est.edu.br/publicacoes/estudos_teologicos/vol4601_2006/et2006-1f_eneuenfeldt.pdf>. Acesso em: 22 out. de 2012.

NEUENFELDT, Eliane; BERGSCH, Karen; PARLOW, Mara (Orgs.). **Epistemologia, violência e sexualidade**: olhares do II Congresso Latino-americano de Gênero e Religião. São Leopoldo: Sinodal, 2008.

PERROT, Michelle. **Minha história sobre as mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007.

PEZZOLO, Dinah Bueno. **Tecidos**: História, tramas, tipos e usos. São Paulo: Editora SENAC, 2008.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Toward a new common sense**: law, science and politics in the paradigmatic transition. Nova Iorque: Routledge, 1995.

SANTOS, Boaventura de Souza; MENESES, Maria Paula. **Epistemologias do Sul**. Coimbra: CES, 2009.

SILVA, Tisa Devincenzi. **O artesanato e o turismo no Rio Grande do Sul**. Disponível em: <<http://amigonerd.net/trabalho/24735-o-artesanato-e-o-turismo>>. Acesso em: 18 jun. 2012.

STRECK, Danilo. Entre emancipação e regulação: (des) encontros entre educação popular e movimentos sociais. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 44, maio/ago. 2010.

SENNETT, Richard. **O artífice**. Rio de Janeiro: Record, 2009.

Submetido em: 21/02/2017

Aprovado em: 06/05/2018

Publicado em: 20/06/2018